

NA LUNDA, EM TERRA DE DIAMANTES

Andrada no Nordeste de Angola é o palco das vivências de Seco Lopes e de Fausto Cruz, enfermeiros na Companhia de Diamantes. A área sob a jurisdição da Diamang era superior à de Portugal Continental. Antes designada por província de Lunda, posteriormente Lunda Norte. Comportava três hospitais centrais: Lucapa, Dundo e Andrada, numa rede de cobertura sanitária, que se dividia, e contava ainda com outros hospitais e dispensários/enfermarias.

Um vasto território onde a assistência aos funcionários, seus familiares e população autóctone era efectuada indiscriminadamente, tanto antes como depois da descolonização. Quase um estado dentro do estado. Onde os interesses da companhia não se esgotavam nas minas diamantíferas e se estendiam ao fomento agrícola e criação de gado.



Antes da independência, não havia funcionário ou familiar, angolano ou estrangeiro, que não tivesse o seu registo de saúde em ficha própria, que o acompanhava nas mudanças de residência, com clara identificação dos postos de trabalho.

Posteriormente a grande filosofia das autoridades passou a consistir na colocação de pessoal angolano, junto dos cooperantes estrangeiros, para aprenderem. Queriam que, na medida do possível, fossem os primeiros a fazer e os segundos a orientar.

Contudo houve casos precisamente ao contrário. Por exemplo, em termos de Bloco Operatório e Urgência, havia um homem, que não sabia uma letra, mas dava lições. Anos e anos a trabalhar com cirurgiões portugueses, de uma humildade exemplar, e de um saber prático profundo. Lopes Lela, era um espectáculo de senhor.

Além desse, um outro, o Sousa, com idade incerta aproximada dos 70 anos. Note-se que em África as referências

cronológicas não são muito concretas. 'Pedi ao Sousa que sempre que tivesse um parto, me chama-se para ir aprender com ele.'

Prestar assistência em África tem as suas particularidades. Terapêutica segura, só a injectável. Pense-se nas altas temperaturas atmosféricas e vejam-se os supositórios a derreter. Recordem-se as condições de higiene das habitações e pense-se na terapêutica oral. Atente-se à referência das horas, quando o sol está assim ou assado. Para não falar já no

analfabetismo endémico, e os comprimidos que não falam a identificar-se. De resto, os comprimidos eram todos designados de quinino.

As populações, muitas das vezes com carências alimentares crónicas, apresentavam grande susceptibilidade às infecções. Por exemplo, o sarampo matava na ordem dos 60%. Tratado com antipiréticos e antibióticos, normalmente obrigava ao internamento dos doentes.

No Hospital de Andrada devido à elevada afluência de pessoas, e a pedido da administração, os enfermeiros tiveram de organizar uma triagem. Os utentes dividiam-se em grandes filas para serem observados pelos enfermeiros.

O paludismo constituía a patologia mais comum, como não podia deixar de ser. O *Plasmodium Falciparum* ou o *Vivax*, era identificado ao microscópio, pelo Veiga, técnico de serviço, através da análise designada por "gota espessa".

Em África, nas zonas endémicas desta doença, aprenderam os nossos interlocutores, que em qualquer afecção é boa norma prevenir com anti-palúdicos. É que, não se tratando de uma manifestação relacionada com o paludismo, este, oportunisticamente aproveitava-se da debilidade para se instalar.

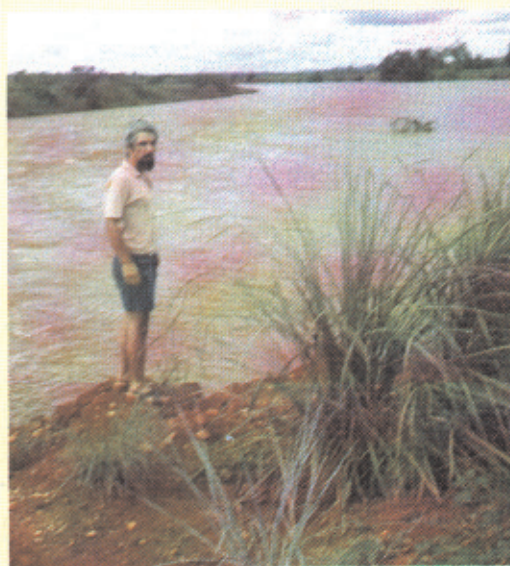
A tuberculose era outra praga desta área geográfica. Encaminhados para o médico, geralmente eram internados no Dundo. Antes da independência existia um hospital específico para leprosos e tuberculosos, posteriormente convertido em hospital geral.

Quando saíam para fazer colheitas de sangue, levavam o carro carregado de carne que ofereciam aos dadores. Também os trabalhadores das minas que dessem sangue tinham três dias de folga.

Da responsabilidade de Paulo Queirós e José Carlos Santos.

O controlo da saúde dos mineiros era efectuado nas áreas de exploração de diamantes, com uma ficha sanitária individual, onde se anotava regularmente o peso. A autoridade sanitária tinha ascendente sobre as restantes autoridades em matéria de protecção da saúde desses homens.

As minas eram a céu aberto. Funcionavam com os leitos dos rios a serem desviados deixando, disponível,



para ser explorado, o cascalho rico em diamantes e pepitas de ouro.

De diamantes nem viva alma, só foram vistos no museu da companhia no Dundo.

Entre as populações encontravam-se também muitos problemas ginecológicos, diarreias e desidratações. As mulheres grávidas eram assistidas regularmente e às crianças entre os 2 meses e os 5 anos vistas quinzenalmente, pelo menos pelos enfermeiros. No final das consultas ofereciam-se rações alimentares, uma forma de atrair e cativar.

A gonorreia também atacava por aqueles lados. O Trobicim (R), na altura, era o extintor de bolso daquela malta mais descuidada.

Para além do sentido materialista, de ganhar umas coroas, ficava o sentimento de dever cumprido, tentando sempre responder ao máximo às solicitações das populações. Até porque "podíamos ter

ido para outros países onde não faltava nada. Nós ali, nem um telefone tínhamos para entrar em contacto com a família. Estávamos a 1200 Km de Luanda, seis meses isolados, onde as comunicações só se faziam por carta".

O trabalho era constante e a qualquer hora. "Uma vez estava no cinema, e foram-me chamar. Vim com o médico" - diz o Seco Lopes. "Uma mulher, encontrada pelo marido com outro, tinha levado 17 facadas. Golpezinhos que nos fizeram passar toda a noite a coser". Em outra ocasião "uma fractura do rádio e do cúbito, não se conseguia alinhar. Tivemos então que o levar ao bloco. Depois de devidamente recolocados na posição anatómica, fez-se-lhe um gesso e uma cobertura antibiótica. Enfim lá se resolveu."

Num dos aniversários da independência - informa-nos o Fausto: - "Às duas da manhã vieram-me buscar. O motorista da empresa em plenos festejos, ficou sem três dedos de uma das mãos. Coisas a que não estava habituado, e tive que me desenrascar."

"Doença que eu nunca lá vi, foi o stress. Ou mesmo outros distúrbios mentais".

"Havia períodos em que tínhamos muito peixe. Depois do frigorífico cheio, enchiamos a mala do carro, um Ford RS 2000, e íamos leva-lo às aldeias, onde o entregávamos aos Sobas".

Com a caça acontecia a mesma coisa.

O pátio da casa, habitada pelos protagonistas destas vivências, parecia um matadouro. "Íamos à caça com umas Mauser colocadas à nossa disposição, numa altura em que os estrangeiros não podia usar nenhuma arma. Utilizávamos balas, em que era frequente os fulminantes arderem e as balas não rebentarem. Com armas descalibradas, muitas das vezes os bichos ficavam a olhar para a gente".

Nos momentos de lazer aproveitavam para trazer os miúdos das aldeias, subtraíndo-os aos ritos tribais da circuncisão - corte com uma lâmina de pedra. Executando a operação em condições assépticas no hospital, "ficamos autênticos especialistas na arte".

A sociedade em Andrada dividia-se em

vários núcleos estratificados. A comunidade inglesa auto-considerada superior, outras comunidades de estrangeiros, nomeadamente filipinos, os portugueses de diversas condições, e por fim o pessoal das barracas. O enfermeiro ocupava um lugar de charneira, neutro.

Frequentava todos os círculos. Contava com o reconhecimento das populações, não havia convívio para o qual não fosse convidado.

Os africanos com quem contactaram mostraram-se de uma vivência e de um humanismo que nós europeus não conseguimos ter.

"No nosso hospital, à hora de almoço, podia não haver nada de comer, mas se um levava, sem ser necessário convidar, sentavam-se em redor e com o máximo de respeito sem atropelos, partilhavam o que havia". "Se eram três dava para três, se eram dez também chegava. Às vezes lembro-me disto e dá-me um aperto..."

"Na casa em Andrada, assim que havia uma ventania, ouviamos uma grande algazarra. Tínhamos uma vivenda com muitas Mangueiras, carregadas de mangas. Com o vento as mangas caíam e os putos vinham busca-las. Não se atreviam a subir às Mangueiras com medo da cobra verde e das formigas".

"Quando cheguei a Andrada, atribuíram-me uma casa. Instalei-me e vim para a rua por onde vagueei, só então aterrei. Ao fim de uma hora e já a querer regressar a casa, vejo alguém de uma janela que me diz:

- "Oh pá, tu é que és o enfermeiro novo que vem para cá?"

- Anda cá triste!

Era uma festa ganhei uma série de amigos".

SV

FONTES:

— Depoimentos:

- José Manuel Seco Lopes. Enfermeiro na Diamang em 1982, durante 15 meses.
- Fausto Cruz. Enfermeiro na Diamang de 1972 a 1982.

— Fotografias:

Gentilmente cedidas pelos Enfs Seco Lopes e Fausto aos quais agradecemos.